

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E DESAMPARO: O AMOR COMO ILUSÃO

VIOLENCE AGAINST WOMEN AND HELPLESSNESS: LOVE AS AN ILLUSION

VIOLENCIA CONTRA LA MUJER E IMPOTENCIA: EL AMOR COMO ILUSIÓN

Milla Maria de Carvalho Dias Vieira¹, Mauricio Rodrigues de Souza²

DOI: 10.54899/dcs.v23i86.4299

Recibido: 20/01/2026 | Aceptado: 23/01/2026 | Publicación en línea: 26/01/2026.

RESUMO

A dificuldade encontrada por muitas mulheres em romper com relacionamentos conjugais violentos constitui, sem dúvida, um grande desafio em termos de saúde pública, dificuldade essa costumeiramente atrelada à esperança de que o agressor eventualmente mudasse a sua forma de agir. Foi, portanto, levando em conta esse dilema que o presente trabalho partiu do seguinte problema de pesquisa: poderia essa crença de que o parceiro violento um dia pudesse se transformar ser tratada como uma ilusão frente ao desamparo, uma ilusão por meio do amor? Visando responder a tal pergunta, nosso movimento metodológico consistiu em um estudo crítico de trabalhos atuais acerca do problema da violência conjugal contra a mulher, bem como de escritos de Freud particularmente devotados às temáticas da ilusão e do desamparo. Complementarmente, visando uma articulação teórica satisfatória entre passado e presente, recorreremos à revisão bibliográfica de algumas das produções de autores contemporâneos vinculados ao referencial psicanalítico freudiano que discutissem as temáticas suprarreferidas. Em termos conclusivos, ponderamos que, nos casos abordados aqui, não cabe tomar a ilusão como simples equívoco, mas como solução psíquica complexa e onerosa que simultaneamente agrilhoa a mulher vitimada a um ciclo de agressões e a faz se sentir minimamente protegida diante do seu desamparo. Com isso, alertamos para a grande possibilidade de que campanhas de conscientização que apenas se restrinjam a enfatizar determinados sinais evidentes de violência conjugal ou encorajem o chamado "amor-próprio" não se revelem tão eficazes no enfrentamento do problema por desconsiderarem a sua dimensão também inconsciente.

Palavras-chave: Mulheres. Violência Conjugal. Desamparo. Ilusão.

ABSTRACT

The difficulty encountered by many women in leaving violent marital relationships is a major public health challenge, often linked to the hope that the aggressor will eventually change his behavior. With this dilemma in mind, the present study posed the following research question: Can the belief that a violent partner might one day change be understood as an illusion fostered

¹ Doutoranda em Psicologia, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil.

E-mail: milla_mluz@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7442-4701>

² Doutor em Psicologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: mrsouza@ufpa.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6290-000X>

by helplessness, an illusion sustained by love? To answer this question, we conducted a critical review of current literature on domestic violence against women, as well as Freud's writings on illusion and helplessness. To provide theoretical articulation between the past and the present, we also reviewed works by contemporary authors within the Freudian psychoanalytic framework that address these themes. We conclude that, in the cases discussed, illusion should not be seen as a simple error, but as a complex and costly psychological solution that both binds the victimized woman to a cycle of aggression and provides her with a sense of minimal protection in the face of helplessness. Therefore, we caution that awareness campaigns that focus solely on obvious signs of domestic violence or encourage "self-love" may not effectively address the problem, as they overlook its unconscious dimension.

Keywords: Women. Domestic Violence. Helplessness. Illusion.

RESUMEN

La dificultad que enfrentan muchas mujeres para abandonar relaciones matrimoniales violentas es un importante problema de salud pública, a menudo vinculado a la esperanza de que el agresor cambie finalmente su comportamiento. A la luz de este dilema, el presente estudio planteó la siguiente pregunta de investigación: ¿Puede entenderse la creencia de que una pareja violenta podría cambiar algún día como una ilusión fomentada por la impotencia, sostenida por el amor? Para responder a esta pregunta, realizamos una revisión crítica de la bibliografía actual sobre la violencia doméstica contra las mujeres, así como de los escritos de Freud sobre la ilusión y la impotencia. Para proporcionar una articulación teórica entre pasado y presente, también revisamos obras de autores contemporáneos, en el marco freudiano, que abordan estos temas. Todo ello permite sostener que, en los casos analizados, la ilusión no debe considerarse un simple error, sino una solución psicológica compleja y costosa que ata a la mujer víctima a un ciclo de agresión y le proporciona una sensación mínima de protección frente a la impotencia. Por lo tanto, advertimos que las campañas de sensibilización centradas únicamente en los signos evidentes de violencia doméstica o que fomentan el «amor propio» pueden no abordar eficazmente el problema, ya que pasan por alto su dimensión inconsciente.

Palabras clave: Mujeres. Violencia Doméstica. Impotencia. Ilusión.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A violência conjugal contra a mulher é uma problemática que costumeiramente se faz presente no cotidiano de uma ampla gama de sujeitos, uma vez que seus impactos se estendem para além da vítima direta, afetando toda a família e transformando o lar — espaço culturalmente idealizado como de proteção — em um ambiente de terror e insegurança. E, muito embora o poder estatal frequentemente desenvolva políticas públicas com o objetivo

de prestar suporte para que as mulheres agredidas por seus parceiros consigam romper com o ciclo de violência contra si, é fato que muitas delas seguem durante anos sendo submetidas a uma série de maus-tratos. Diante desse cenário, uma questão persiste: por que tantas mulheres permanecem em relações abusivas, ainda que isso frequentemente signifique um risco à própria vida?

As explicações para essa pergunta são certamente de ordem multifatorial, abrangendo desde o medo do agressor a aspectos socioculturais, além, é claro, de eventual dependência econômica. Sem evidentemente descartá-las, cabe afirmarmos aqui o quanto, ao oferecermos às mulheres vítimas de violência doméstica uma escuta clínica, pudemos constatar que a dificuldade em romper com relacionamentos abusivos costuma vir acompanhada por discursos que demonstram a existência de determinada crença: aquela de que o parceiro violento pudesse algum dia mudar, dedicando então ao relacionamento apenas “cuidado, proteção e amor”. Aliás, no que tange a essa esperança, a Secretaria de Política para Mulheres considera que: “ela não quer romper o relacionamento e sua dependência afetiva faz com que pense que o amor dela é tão forte que vai conseguir que ele mude de comportamento” (Brasil, 2015, p. 12).

Essa perspectiva de mudança, a qual a literatura e as políticas públicas frequentemente associam à “dependência afetiva” (BRASIL, 2015, p. 12), costuma se fortalecer no psiquismo da mulher quando o parceiro faz a promessa de que irá modificar seu comportamento e não mais praticar atos violentos, alegando arrependimento. A tal promessa, cabe acrescentar, no mais das vezes se somam declarações que reafirmam o amor pela companheira, tais como: “eu te amo”, “você é o grande amor da minha vida”, “não saberei viver sem você”.

A dinâmica característica desse tipo de relacionamento vem sendo abordada pelas políticas públicas por meio do conceito de “ciclo da violência”, o qual, originalmente proposto por Walker (1979) em seu estudo *The Battered Woman*, seria constituído por três fases distintas. A primeira delas consistiria na tensão crescente, a segunda no efetivo incidente (ou explosão) de violência aguda; já a terceira seria a “Fase de Lua de Mel” (*loving respite*). É nessa última etapa que a crença em uma mudança no comportamento do agressor se tornaria mais evidente.

Uma melhor compreensão desse “ciclo da violência” conjugal passou a se tornar importante para os movimentos feministas e para as políticas públicas, pois trata-se de uma forma muito frequente de a violência se manifestar entre casais (Brasil, 2015). Vale ressaltar que, em tal ciclo, o sujeito, via de regra, retorna ao mesmo ponto, repetindo medos, fantasias, desejos e traumas. Portanto, ele nos fala de uma repetição. Ou melhor, de uma compulsão que conduz à

repetição de situações tanto prazerosas quanto dolorosas. No caso da violência contra a mulher, torna-se importante questionar: mas, afinal, o que elas repetem?

O que parece se estabelecer aí é um movimento de retorno a dinâmicas relacionais destrutivas mediante as quais muitas mulheres se envolvem reiteradamente com parceiros violentos, sendo que, a despeito das agressões, em muitos casos é comum referirem sentimentos de amor por tais indivíduos. Configuram-se, assim, relações marcadas por uma ambivalência afetiva onde coexistem medo, amor, agressão, dependência, idealização e ilusão. E é essa dinâmica complexa e dolorosa que muitas mulheres apresentam dificuldades em romper, perpetuando um ciclo aparentemente sem fim.

Pois bem, tal ciclo de violência também pode ser analisado à luz da psicanálise. Por exemplo, pela via da noção de compulsão à repetição, que, segundo Freud (1939 [1934-1938]/1996), remete a uma tendência do psiquismo no sentido de reviver traumas infantis em relações posteriores, reatualizando-os. Se levarmos isso em conta, o frequente retorno das mulheres a dinâmicas relacionais destrutivas não se torna um mero acaso, sinalizando uma compulsão à repetição de situações traumáticas não elaboradas, o que, por sua vez, não raro nos leva à verificação de uma série de experiências de violência desde a mais tenra infância.

Ou, dito de maneira distinta: revela-se bastante frequente que as mulheres das quais tratamos aqui já tenham sido previamente expostas à violência do outro em algum momento do seu passado, seja por terem testemunhado suas mães sofrendo agressões, seja por terem sido, ao longo da infância e adolescência, elas próprias alvos de maus-tratos por parte de pais ou outros adultos (Lima; Werlang, 2011; Naves, 2014; Chagas, 2019). Ao corroborar essa perspectiva, Naves (2014, p. 457) afirma o quanto:

Seus histórias de vida mostram violência recorrente. A experiência clínica mostra que, geralmente, as mães sofreram violência, repetindo depois essa mesma história quando da escolha de um companheiro, depois de outro e outro. Um destino inexorável? Não para a Psicanálise. Como lembra Freud, não se trata da perseguição de um “destino maligno”, mas de uma repetição que foi orquestrada por elas mesmas e determinado por influências infantis primitivas.

Assim, diante de traumas vivenciados desde a infância, muitas dessas mulheres se encontram em estado de desamparo, uma vez que não tiveram um adulto que as auxiliasse a elaborar psiquicamente o evento traumático. Por conseguinte, sentimentos como os de desproteção e abandono tenderão a lhes acompanhar de maneira mais ou menos intensa ao longo da vida.

É o que afirma Birman (2017), para o qual, diante da impossibilidade de o sujeito metabolizar a dor produzida pelo desamparo, a solução imediata adotada por si costuma consistir em uma submissa colagem ao outro poderoso, visto como fonte de proteção. Não por acaso, muitas mulheres buscam no agressor esse amparo e proteção, configurando relações nas quais paradoxalmente se sentem amadas por ele, paradoxo que se torna evidente quando observamos que, apesar das campanhas promovidas pelas políticas públicas e pelos movimentos feministas, que veementemente afirmam que “quem bate não ama”, um sem-número dessas mulheres continua a declarar que se sente amada pelos agressores. É, portanto, ao levar em conta o contexto suprarreferido que este trabalho apresenta o seguinte problema de pesquisa: poderia a crença de que o parceiro violento um dia pudesse mudar ser tratada como uma ilusão frente ao desamparo?

Portanto, o objetivo desta pesquisa é investigar, a partir de uma perspectiva psicanalítica: se seria uma ilusão a crença de que esse homem que é violento pode mudar de conduta e dedicar ao relacionamento apenas amor.

Para refletirmos sobre isso, iniciaremos pela breve referência a algumas pesquisas recentes que trazem relatos de mulheres que sofreram agressões conjugais com o objetivo de ilustrar a relação entre a dependência amorosa e a crença de que o agressor pode mudar. Em seguida, abordaremos a noção de desamparo na perspectiva freudiana por considerarmos se tratar de um conceito importante para a análise tanto da dependência amorosa quanto da ilusão acerca de eventuais mudanças por parte do parceiro violento. Por fim, esmiuçaremos a própria ideia de ilusão a partir do aporte freudiano como crença que surge no psiquismo impulsionada por um desejo. Sendo que, no caso de mulheres que sofrem violência, tal desejo seria o de uma proteção contra o desamparo por meio do amor.

METODOLOGIA

Visando responder a tal pergunta, nosso movimento metodológico aqui consistiu basicamente em um estudo crítico de trabalhos atuais acerca do problema da violência conjugal contra a mulher, bem como de escritos de Sigmund Freud particularmente devotados às temáticas da ilusão e do desamparo (*Hilflosigkeit*), tais como: *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), *Inibição, sintoma e angústia* (1926), *O Futuro de uma Ilusão* (1927) e *o Mal-estar na cultura* (1930). Complementarmente, visando uma articulação teórica satisfatória entre passado

e presente, recorremos à revisão bibliográfica de algumas das produções de autores contemporâneos vinculados ao referencial psicanalítico freudiano que discutem as temáticas suprarreferidas.

“MAS ELE VAI MUDAR”: SOBRE A DEPENDÊNCIA AMOROSA

As pesquisas acadêmicas apontam que uma das razões pelas quais as mulheres permanecem em relações conjugais violentas é a crença na possibilidade de o agressor mudar. Conforme abordamos anteriormente, essa dinâmica encontra respaldo teórico na ideia do chamado Ciclo da Violência proposto por Walker (1979). De acordo com tal modelo, durante a fase conhecida como “Lua de Mel” a mulher – diante das demonstrações de arrependimento e declarações de amor do parceiro – desiste de romper com o relacionamento violento, motivada pela esperança de que a violência não se repetirá. É importante ressaltar que essa crença é frequentemente acompanhada por discursos amorosos que revelam a dependência emocional da mulher em relação ao agressor.

Para ilustrar essa relação entre a dependência afetiva e a expectativa de que o parceiro violento deixe de ser agressivo, podemos citar a pesquisa de Gomes *et al.* (2022, p. e78904). O estudo, que entrevistou 29 mulheres em duas Varas de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher em Salvador, Bahia, demonstra a dinâmica supracitada por meio de depoimentos como:

“Era um tapa e uma desculpa; um murro e uma desculpa. Quando ele me batia, eu sentia muita raiva, mas não queria deixá-lo porque o amava. [...] me sentia triste, humilhada. [...] tive depressão, perdi a vontade de viver e não conseguia agir.” (M23, 38 anos).

“Da primeira vez que decidi dar um basta, ele pediu uma chance. [...] outra vez, pediu desculpas fazendo um carinho. [...] já dormiu na porta da minha casa insistindo para eu voltar. [...] não resisti quando ele disse que queria a mim e aos filhos e que iria melhorar. [...] eu ficava na esperança dele mudar, mas ele ficava cada vez pior.” (M5, 57 anos)

É importante considerarmos que, em muitos desses relacionamentos, o agressor não é violento o tempo todo. Assim, como sustentamos alguns parágrafos atrás, trata-se aqui costumeiramente de relacionamentos ambivalentes frente aos quais as mulheres tomam seus parceiros como “bons” e “maus” ao mesmo tempo. Sobre essa ambivalência no relacionamento violento, Cardoso (2008), em uma pesquisa que entrevistou dezesseis mulheres agredidas, analisou alguns fatores relacionados à permanência, rompimento e retorno à relação conjugal, afirmando que: “Uma das mulheres também alegou que, com ele, em alguns momentos sentia-se

amparada e protegida, o que lhe dificultava separar-se dele. Sentimentos de amor que nutria pelo marido faziam-na permanecer ao seu lado” (Cardoso, 2008, p. 265).

Portanto, insistimos: a dependência afetiva/emocional de mulheres em relação aos seus parceiros íntimos se apresenta como um importante fator que contribui para que elas permaneçam nos relacionamentos conjugais violentos³. No que tange aos seus reflexos, eles podem ser verificados, por exemplo, na pesquisa de Silva e Silva (2020), cujos resultados, muito embora apontassem para uma multiplicidade de fatores que corroboram a dependência da mulher na relação violenta – tais como: questões de ordem financeira, filhos ou a esperança de que o parceiro mudasse -, enfatizaram como bastante determinante o medo de perder o parceiro ou, ainda, de não conseguirem arrumar outra pessoa que as amasse.

Dessa forma, em vários casos o algoz também é considerado uma fonte de amparo e proteção, alguém sem o qual simplesmente não seria possível viver. Trata-se, portanto, de mulheres que frequentemente apresentam grande dose de fragilidade narcísica. É o que sugere Naves (2014) na ênfase que faz acerca da presença aqui de um desamparo ou vazio subjetivo extremo, associado à passividade e submissão diante do agressor. Como bem lembra a autora, falamos de vítimas que, ao longo de suas histórias de vida, acumularam severas marcas de violência, trauma e abandono que, não poucas vezes, remontariam à infância, elementos esses acompanhados de um excesso pulsional relativo a conteúdos não elaborados. Dessa forma, torna-se válido abordarmos o desamparo na perspectiva freudiana para que assim consigamos relacionar tal estado tanto com a dependência amorosa quanto com a formação de componentes ilusórios no psiquismo de tais mulheres.

SENTIR-SE AMADO: UMA PROTEÇÃO CONTRA O DESAMPARO (?)

A noção de desamparo (*Hilflosigkeit*) está presente na obra freudiana desde o *Projeto para uma psicologia científica*, originalmente escrito ainda na última década do século XIX (Cf. Freud, 1895/1996). Contudo, como bem destacam Birman (1999a), Menezes (2010) e Rocha (1999), foi com os textos desenvolvidos a partir de 1920 e a chamada segunda tópica, tais como: *Inibição, sintoma e angústia*, *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na cultura*, que Freud (1926/2014; 1927/2020 e 1930/2020 respectivamente) pôde aprofundar tal problemática, elevando a palavra

³ Silva e Silva (2020) descrevem o comportamento de dependência como: “a incapacidade de viver sozinha, a mulher não tem vida própria, todos os seus afazeres têm que girar em torno do companheiro, não consegue viver sem ele, tem a idealização de que algum dia ele irá mudar” (p. 331).

desamparo ao status de conceito relativo a uma experiência psíquica na qual o sujeito se percebe sem recursos e sem proteção. Segundo Menezes (2010), o núcleo dessa concepção residiria na ausência de ação, de ajuda, uma condição que imporia assim a necessidade do outro como agente de socorro. Consequentemente, como destacam Santos e Fortes (2011), a dependência poderia ser vista como um correlato fundamental do desamparo desde o nascimento, algo evidenciado pela relação primária entre o bebê e sua mãe.

Diante disso, Freud (1926/2014) argumenta que a eventual ausência desse objeto configuraria um grande perigo para a sobrevivência do bebê e, por derivação, uma fonte de angústia em potencial. Então, ao aprofundar essa afirmação, o mesmo Freud (1926/2014) identifica em seguida o perigo para o infante não apenas da perda física do objeto, mas da perda do seu amor. Logo, mesmo na presença do objeto a criança poderia experimentar uma poderosa angústia, com a ameaça se deslocando do desaparecimento concreto de alguém para a perda do lugar de ser amado. A partir dessa perspectiva, Freud (1926/2014) conclui que o desamparo: “...cria a necessidade de ser amado, que jamais abandona o ser humano” (p. 101). E ser amado é ser protegido, sendo, portanto, a dependência da criança pensada aqui não somente como algo biológico, mas sobretudo como dependência do desejo do outro. Em acréscimo, é importante considerarmos ainda o quanto nessa perspectiva a situação originária do desamparo servirá como modelo para inúmeras outras situações com as quais o ser humano se confrontará no decorrer de sua existência, adquirindo, portanto, um caráter fundamental.

DESAMPARO E SUBMISSÃO AO OUTRO

Segundo Birman (1999b), a dependência em relação ao outro se faria sempre presente em nosso psiquismo, evocando a fratura fundamental que marcaria a própria condição humana. Contudo, para alguns o medo de perder o amor alheio e de se sentir abandonado constitui uma experiência traumática insuportável, gerando angústia e sensação de desamparo. No que tange a isso, Freud (1933/2010, p. 233) discorre o seguinte:

No curso do desenvolvimento, os velhos determinantes da angústia devem ser abandonados, pois as situações de perigo que lhes correspondem vão perdendo o valor com o fortalecimento do Eu. Mas isso ocorre apenas de maneira bastante incompleta. Muitos indivíduos não conseguem superar a angústia ante a perda do amor, jamais se tornam independentes o bastante do amor dos outros, prosseguindo nesse ponto o seu comportamento infantil.

Vale ressaltar que, ao levar em conta em suas observações o prodigioso terreno da fantasia, Freud (1930/2020) considera que a perda do amor do objeto do qual é dependente também deixaria o sujeito exposto a possíveis castigos, punições essas a serem realizadas pelo mesmo objeto que o protege do desamparo, o qual poderia então ser lido como alguém mais forte e poderoso, capaz de revidar em caso de eventuais oposições ao seu desejo. Portanto, esse mesmo que protege, que ama e do qual se depende também seria alguém a ser temido, o que nos faz pensar em relações hierárquicas e de dominação.

Em concordância com essa perspectiva, Menezes (2010) considera a existência aí de uma dependência passiva do outro. Ou seja, estar desamparado é “estar à mercê de”, sendo necessária a ajuda de alguém. Assim, no estado de desamparo ocorre o assujeitamento, a submissão e a servidão diante de um outro que pode assumir posição de dominação. Freud (1913/1996; 1921/2020; 1927/2020) analisou essa problemática em diferentes textos e, no que tange a ela, afirma que:

[...] essa situação não é novidade; ela tem um modelo infantil e, na verdade, é apenas em um desamparo como esse já nos encontramos um dia quando éramos crianças pequenas diante de um casal parental, de quem tínhamos motivos para ter medo, especialmente do pai, de cuja proteção, no entanto, também estávamos seguros contra os perigos que conhecíamos na época (Freud, 1927/2020, p. 247).

Como é possível notar, para Freud (1927/2020) esse gatilho infantil de busca por proteção tenderá a permanecer no psiquismo do sujeito, reativando-se sempre que uma nova experiência de desamparo surgir. Trata-se de um modelo no qual a proteção se dá por meio de um outro poderoso – figura diante da qual o sujeito, mesmo temendo, sente-se simultaneamente protegido e amado. Vale acrescentar, como o fazem Buchaúl e Câmara (2016), que, ainda em termos freudianos, o estado de desamparo também seria constituído por uma notável angústia, a qual, atuando como representante da pulsão de morte, estaria ligada a um excesso pulsional que, sem encontrar possíveis vias de escoamento ou canalização, acabaria por se revelar como força cega, repetitiva e traumática da qual o sujeito buscaria se proteger.

Pois bem, levando em conta essas considerações advindas do referencial psicanalítico freudiano e, retomando agora o foco de interesse da presente pesquisa, observamos que muitas mulheres que permanecem em relacionamentos tóxicos em suas vidas adultas foram expostas à violência do outro desde a infância (ou seja, em contexto familiar que, em vez de proteger e assegurar um clima favorável para a sua constituição psíquica, acabou sendo produtor de dor física, trauma e desamparo). Consequentemente, ao crescerem, muitas delas repetem em suas

escolhas afetivas posteriores um modelo semelhante, pautado na seleção de homens violentos. No entanto, é preciso considerar que, na vida adulta, essas mulheres também repetem o desejo infantil da criança violentada: o de ser cuidada, amparada e amada por uma figura poderosa. Assim, o que se observa nesses relacionamentos é uma ambivalência afetiva em relação aos seus agressores, pois, por um lado, ao mesmo tempo em que se sentem protegidas, cuidadas e amparadas por eles, por outro sentem medo, repulsa e sofrem com a violência que permeia a relação.

Como ilustrado pela pesquisa de Silva e Silva (2020), algumas mulheres abusadas declaram mesmo não conseguir viver sem o parceiro, carregando consigo um profundo medo do abandono, temor que, conforme debatemos acima, não é exatamente novo, mas que se atualiza e eventualmente se intensifica em relacionamentos conjugais violentos. Em função disso, não conseguem romper o vínculo. Pelo contrário, “fazem de tudo” para evitar o fim da relação, tolerando violências contínuas em troca do que compreendem ser um mínimo de amor e proteção. Diante do desamparo, iludem-se com a esperança de que seus agressores possam vir a mudar, mas tal ilusão logo passa e novamente se inicia o ciclo da violência. Mas como compreender melhor o teor de tal ilusão? É do que trataremos agora, contando, mais uma vez, com o auxílio de elementos da psicanálise freudiana.

DESAMPARO, DESEJO DE MUDANÇA E ILUSÃO

Diante da crença, expressa por uma série de mulheres vítimas de agressões conjugais, de que o parceiro pudesse mudar de conduta e dedicar ao relacionamento apenas cuidado, proteção e amor, torna-se inevitável a pergunta: por que tantas mulheres continuam acreditando em tal mudança de comportamento mesmo quando os fatos contradizem tal esperança? Acreditar em uma possível transformação do parceiro seria então uma ilusão em face do desamparo dessas mulheres? Para tentarmos responder a esses questionamentos, é importante definir, a partir de uma perspectiva psicanalítica, quando uma crença se torna uma ilusão. Nessa direção, Freud (1927/2020, p. 264) afirma o seguinte:

Chamamos, então, uma crença de ilusão quando, em sua motivação, a realização de desejo passa para o primeiro plano, e, assim fazendo, desistimos de sua relação com a realidade, da mesma forma como a própria ilusão renuncia às suas comprovações.

Temos, portanto, que para Freud (1927/2020) o principal elemento definidor de uma

crença como ilusão residiria em ela ser motivada por um desejo. Esse conceito, vale lembrar, foi particularmente analisado pelo autor em *O futuro de uma ilusão*, livro no qual desenvolveu a tese de que o pensamento religioso poderia ser lido como uma ilusão – mais especificamente, como a ilusão da proteção por um pai onipotente diante de um desamparo (*Hilflosigkeit*) que nos seria constituinte. Nesse sentido, a figura de Deus seria costumeiramente projetada por nós como um ser idealizado e supostamente capaz de nos auxiliar diante da vulnerabilidade da vida. Nos termos de Freud (1927/2020, p. 262, grifos nossos):

São ilusões, realizações dos desejos mais antigos, mais intensos, mais urgentes da humanidade; o segredo de sua força é a força desses desejos. Já sabemos que a impressão assustadora do desamparo infantil despertou a necessidade de proteção – **proteção através do amor** – oferecida pelo pai; o reconhecimento de que esse desamparo continua pela vida toda foi a causa do apego à existência de outro pai – só que, agora mais poderoso.

Nesse trecho, além de fornecer uma definição de ilusão, Freud (1927/2020) retoma sua perspectiva anterior acerca do modelo infantil de proteção diante do desamparo (Cf. Freud, 1926/2014). Segundo essa concepção, é por meio do amor oferecido pelas figuras parentais, consideradas poderosas pela criança, que ela então se sentiria protegida da sua condição de fragilidade e vulnerabilidade. E assim a proteção contra o desamparo por meio do amor constituiria em um dos mais antigos desejos de cada um de nós.

No presente trabalho, consideramos como hipótese que a crença de várias mulheres vítimas de violência conjugal de que o parceiro agressor eventualmente mudasse de conduta, dedicando ao relacionamento apenas carinho e cuidado, pudesse ser lida como uma ilusão. E, como vimos, a ilusão é tomada por Freud (1927/2020) como uma solução encontrada diante do desamparo, retirando sua força de um desejo de proteção por meio amor (no caso aqui, uma proteção supostamente oferecida pelo cônjuge, que se apresentaria como poderoso – mesmo onipotente – na dinâmica hierárquica da relação). Logo, abandonar essa ilusão equivaleria a ter que se defrontar com uma angústia constitutiva do psiquismo, relativa ao próprio aniquilamento. Dessa forma, o que restaria a tais mulheres – via de regra, marcadas por traumas e desamparo que remontam às sua infância – seria mesmo a crença de que o homem que escolheram como parceiro de vida um dia pudesse mudar, amando-as e protegendo-as.

É importante considerarmos aqui, como afirma Merlin (2020, p. 76, tradução da editora), que: “As crenças não se fundamentam em erros de compreensão ou aprendizado, senão num sistema de ilusões de um desejo que dá sentido, pacifica, torna suportável o desamparo pelo seu

efeito estabilizador”⁴. Nesse sentido, a crença não necessita de lógica racional, tampouco requer uma demonstração da sua veracidade, pois ela funcionaria como resposta de consolação diante da angústia. Por conta disso, conforme afirmamos em nosso parágrafo anterior, renunciar a essa crença passa a ser visto como um grande perigo, com o sujeito “fazendo de tudo” para mantê-la, inclusive com a busca de argumentos que fogem da lógica racional. É no que aposta Merlin (2020, p. 77, tradução da editora⁵):

O sujeito não está disposto a renunciar de suas crenças na medida em que se trata de ilusões que o defendem do desamparo. Salva sua crença, a conserva e é capaz de resignar a um argumento racional que reconhece como desmentindo uma parte da realidade exterior em função de se agarrar a fontes de prazer. Renega como na expressão “eu sei, mas ainda assim...”, com a conseguinte alteração psíquica: uma atividade do pensar ficará separada do exame da realidade e submetida ao princípio do prazer, respondendo à lógica do inconsciente.

No que remete à problemática da violência conjugal, observadores externos que analisassem uma relação de anos a fio marcada por submissão e agressões facilmente poderiam concluir que a mudança do agressor seria, para dizer o mínimo, improvável. Esses observadores geralmente são familiares e amigos que tentam convencer a vítima a abandonar a crença de que ele irá mudar. No entanto, tais esforços frequentemente falham, dada a recorrente busca por justificativas para manter uma ilusão. A título de exemplos: “Ele me agrediu por causa da bebida, mas vai parar de beber”, “Ele foi agressivo porque estava estressado com o trabalho”, “Ele não é assim o tempo todo, foi só um momento de raiva”.

Ora, trata-se de argumentos que, muito embora possam ser tomados como alheios a uma lógica racional, respondem à lógica do inconsciente e do desejo: aquela da proteção do desamparo por meio do amor. Deste modo, precisam ser mantidos, pois perder esta crença seria perder a ilusão de que alguém poderia proteger do desamparo, seria expor-se ao excesso pulsional traumático da pulsão de morte. Com isso, o que se acaba verificando em relacionamentos abusivos é uma grande quantidade de términos e retornos, além do chamado ciclo da violência, o

⁴ Las creencias no se fundamentan en errores de comprensión o de aprendizaje, sino que conforman um sistema de ilusiones de deseo que da sentido, pacífica, vuelve soportable el desamparo por su efecto estabilizador. (Merlin, 2020, p.76).

⁵El sujeto no está dispuesto a renunciar a sus creencias em la medida en que se trata de ilusiones que l defienden del desamparo. Salva su creencia, la conserva y es capaz de resignar un argumento racional que reconoce realizando la desmentida de una parcela de la realidad exterior en beneficio de aferrarse a fuentes de placer. Reniega como si expresara “ya lo sé, pero aún así...”, con la consiguiente alteración psíquica: una actividad del pensar quedará apartada del examen de realidad y sometida al principio de placer, respondiendo a la lógica del inconsciente (Merlin, 2020, p. 77).

qual, conforme sugerimos, sustenta-se em larga medida por uma crença que não precisa de comprovação, comparando efetivamente bem mais como ato de fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recapitulando brevemente, esta pesquisa apresentou como seu principal objetivo debater, a partir da psicanálise freudiana, se a crença de que um cônjuge violento pudesse mudar de conduta poderia ser lida como uma ilusão. Consoante abordamos anteriormente, essa crença se manifesta de forma recorrente no chamado Ciclo da Violência, especificamente em sua fase de “lua de mel” ou reconciliação, quando promessas de mudança e juras de amor renovadas pelo agressor reacendem na mulher a esperança de um relacionamento idealizado. É nesse momento, inclusive, que a dependência afetiva costuma se reforçar, dificultando o rompimento.

Para sustentar nossa análise, remetemo-nos a estudos que evidenciam como muitas mulheres em situação de violência conjugal carregam consigo um longo histórico anterior de agressões, considerando em tal movimento o quanto a ausência de um processo de elaboração psíquica dessas vivências traumáticas as deixaria permanentemente confrontadas com a angústia do desamparo. Complementarmente, verificamos como a falta de um ambiente familiar suficientemente bom na infância – leia-se: propiciador de fortalecimento narcísico e, a ele atrelado, da construção de recursos internos de autoproteção – faria com que buscassem no outro, de forma compulsiva e compulsória, um auxílio contra esse desamparo. O problema, como vimos, é a frequência com que, mediante tal expediente, acabam por se submeter passivamente ao desejo do parceiro, estabelecendo com ele uma relação marcada por dependência e hierarquização na qual a figura do agressor é investida como a de alguém poderoso, capaz de oferecer, ainda que de forma idealizada, alguma dose de segurança.

Foi nesse contexto que defendemos que a crença na mudança do agressor pode ser lida, dentre outros fatores, como uma ilusão no sentido freudiano do termo. Ou seja, como crença motivada pela realização de um desejo que, no mais das vezes, renuncia ao teste da realidade. Assim, acreditar que o parceiro violento pode se transformar no protetor idealizado seria para as mulheres das quais tratamos uma tentativa de se proteger contra angústia insuportável do desamparo⁶.

⁶ Evidentemente, cabe considerar o quanto falamos aqui de relacionamentos ambivalentes, já que o agressor não é violento o tempo todo. Inclusive, chega a ser considerado um bom pai e mesmo a única pessoa com quem seria possível contar, tanto econômica quanto afetivamente. Dessa forma, ponderemos sempre que, nesses casos, a ilusão

Encerramos então com a observação de que a tomada da crença na mudança do parceiro agressor também como uma ilusão que protege a mulher agredida do excesso da pulsão de morte – e não, portanto, como uma simples “escolha” – convida-nos a repensar as atuais abordagens de apoio e acolhimento desenvolvidas pelas políticas públicas sobre o tema. Nesse sentido, alertamos para a grande possibilidade de que campanhas de conscientização que apenas se restrinjam a enfatizar determinados sinais evidentes de violência conjugal ou que simplesmente encorajem o "amor-próprio" não se revelem tão eficazes no enfrentamento do problema. Isso por desconsiderarem a sua dimensão também inconsciente, expressa, por exemplo - como intentamos demonstrar ao longo destas páginas - em uma angústia diante do desamparo que, ao alimentar um desejo ilusório, sustenta também todo um ciclo psíquico atravessado pela violência.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. A dádiva e o outro: sobre o conceito de desamparo no discurso Freudiano. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 09-30, 1999a.

BIRMAN, J. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999b.

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BRASIL. Viver sem violência é direito de toda mulher: entenda a lei Maria da Penha. Secretaria Especial de Política para as Mulheres, 2015. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/violencia/lei-maria-da-penha/spm_livretomariadapenha2015-1.pdf. Acesso em: 18 jan. 2026.

BUCHAÚL, S. P.; CÂMARA, L. **Masquismo: história, teoria e subjetivação**. *Revista Polêmica*, v. 16, n.1, p. 78-94, 2016.

CARDOSO, N. M. B. Psicologia e relações de gênero: a socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. In: ZANELLA, A. V. et al. (Org.). **Psicologia e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 260-272. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-25.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2026.

CHAGAS, L. F. **(Re)pensando a assistência**: contribuições da psicanálise para as políticas públicas no enfrentamento do ciclo da repetição na violência contra a mulher. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FREUD, S. Angústia e instintos: novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. Tradução Paulo César de Souza. São

não constitui um simples equívoco, mas uma solução psíquica complexa e onerosa.

Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 18, p. 124-354. (Obra original publicada em 1933).

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 17, p. 13-123. (Obra original publicada em 1926).

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 23, p. 15-148. (Obra original publicada em 1939 [1934-1938]).

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2020. (Obra original publicada em 1927).

FREUD, S. **O mal-estar na cultura**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2020. (Obra original publicada em 1930).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1, p. 339-353 (Obra original publicada em 1895).

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu**. Belo horizonte: Autêntica editora, 2020. (Obra original publicada em 1921).

FREUD, S. Totem e tabu. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 13, p. 13-169. (Obra original publicada em 1913).

GOMES, N. P. *et al.* Permanência de mulheres em relacionamentos violentos: desvelando o cotidiano conjugal. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, p. e78904, 2022.
<https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.78904>

LIMA, G. Q.; WERLANG, B. S. G. Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 511-520, out./dez. 2011.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000400002>.

MERLIN, N. El servilismo voluntario. Tradução de: Cian Barbosa. In: ESTEVÃO, I.; PRUDENTE, S. (Org.). **Contribuições psicanalíticas a uma Política dos Afetos**. São Paulo: LavraPalavra Editorial, 2020. p. 55-81.

MENEZES, L. S. **Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: desamparo, pulsão de domínio e servidão**. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

NAVES, E. T. A mulher e a violência: uma devastação subjetiva. **Subjetividades**, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 454-462, dez. 2014.

ROCHA, Z. Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. **Síntese - Revista de Filosofia**, v. 26, n. 86, p. 331-344, 1999.

SANTOS, N. T. G.; FORTES I. Desamparo e alteridade: o sujeito e a dupla face do outro. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 747-769, 2011.

SILVA, D.; SILVA, R. L. F. C. Violência contra as mulheres nos relacionamentos conjugais e a dependência emocional: fator que influencia a permanência na relação. **Humanidades & tecnologia em revista (FINOM)**, v. 20, n. 1, 2020.

WALKER, L. **The Battered Woman**. New York: Harper and Row, 1979.